



A esperança em Dietrich Bonhoeffer e os conceitos de último, penúltimo e preparação de caminho: tensão escatológica como fundamento para um agir ético e responsável

Hope in Dietrich Bonhoeffer and the concepts of ultimate, penultimate, and preparing the way: eschatological tension as the basis for an ethical and responsible action

Filipe Costa Machado ^[a]

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Cesar Kuzma ^[b] 

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Como citar: Machado, F. C.; KUZMA, C. A esperança em Dietrich Bonhoeffer e os conceitos de último, penúltimo e preparação de caminho: tensão escatológica como fundamento para um agir ético e responsável. *Pistis & Praxis, Pastoral e Teologia*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 15, n. 02, p. 301-314, maio/ago. 2023. DOI: <http://doi.org/10.7213/2175-1838.15.002.A002>.

^[a] Doutorando em Teologia, e-mail: filipemachado91@gmail.com

^[b] Doutor em Teologia, e-mail: cesarkuzma@gmail.com

Resumo

A contribuição de Dietrich Bonhoeffer para a teologia do século XX é imensurável pela sua dedicação pastoral à igreja cristã, bem como pelo empenho e rigor acadêmico e teológico que ele teve, o que faz com que sua teologia seja difundida e trabalhada em diversas partes do mundo, de forma aberta, ecumênica e crítica. O mártir luterano é o assunto principal deste artigo, sobretudo no que concerne a uma percepção do seu pensamento sobre a esperança. Como objetivo, o artigo propõe uma leitura ainda pouco explorada de Bonhoeffer à luz dessa temática, apenas abordada de forma mais contundente em *Ética*, mais especificamente nos conceitos de “último”, “penúltimo” e “preparação de caminho”. A partir desses conceitos, defende-se o agir responsável como o resultado da tensão escatológica entre o derradeiro e o penúltimo, isto é, prepara-se o caminho para que o penúltimo aceite sua realidade última, que virá – está vindo –, e dela obtenha dignidade e valor. A partir de uma metodologia bibliográfica exploratória e qualitativa dos escritos do autor, o trabalho será dividido em três partes, passando pela sua compreensão cristológica e eclesiológica para chegar à esperança.

Palavras-chave: Dietrich Bonhoeffer. Ética. Esperança. Escatologia. Responsabilidade.

Abstract

Dietrich Bonhoeffer's contribution to 20th-century theology is immeasurable due to his pastoral dedication to the Christian church and his commitment and academic and theological rigor, which makes his theology widespread and worked on in different ways parts of the world, in an open, ecumenical, and critical way. The Lutheran martyr is the main subject of this article, especially regarding the perception of his thought on hope. As an objective, the article proposes a still little-explored reading of Bonhoeffer in the light of this theme, only approached in a more forceful way in Ethics, more specifically in the concepts of “ultimate”, “penultimate” and “preparing of the way”. Based on these concepts, responsible action is defended as the result of the eschatological tension between the ultimate and the penultimate, that is, the way is prepared for the penultimate to accept their ultimate reality, which will come – it is coming –, and from it gain dignity and worth. From an exploratory and qualitative bibliographical methodology of the author's writings, the work will be divided into three parts, passing through its Christological and ecclesiological understanding to reach hope.

Keywords: Dietrich Bonhoeffer. Ethics. Hope. Eschatology. Responsibility.

Introdução

Dietrich Bonhoeffer foi um dos teólogos mais marcantes do século XX, cuja vida e produção teológica são redescobertas em território brasileiro, sobretudo nessas últimas décadas, com publicação de teses, dissertações e novas edições de diversas de suas obras. Alguns exemplos são os trabalhos de Carlos Caldas (2016) e Wilhelm Sell (2019), além dos textos bonhoefferianos, como *Criação e Queda* (2020), *Comunhão dos Santos* (2017) e *Ética* (2020). O momento histórico e político atual parece propício para se reler textos de um teólogo que lutou contra o governo nazista e pela igreja cristã em uma mescla extraordinária de biografia e teologia (FORTE, 2003, p. 147), que se impôs resolutamente até a própria morte. Tornou-se, assim, uma referência para todos os que decidem trilhar os caminhos do pensamento teológico crítico e que conduza a uma práxis de justiça, porque sua “espiritualidade vivida esteve integrada a uma sólida reflexão e à militância, constituindo-se numa fonte luminosa de inspiração” (PEREIRA, 2020, p. 623).

Esse agir responsável e militante até as últimas consequências está intimamente ligado ao que se pode chamar de “missão da esperança cristã”, uma força que move o cristão na direção do futuro revelado pelo evento Cristo e o interpela à transformação do presente a partir dessa realidade vindoura, já experimentada pela fé e pela esperança (KUZMA, 2012, p. 28-29). Isto é, esta experiência vivida na esperança impede a passividade, mas envolve a pessoa em sua totalidade, que de forma ativa questiona o contexto em que se vive e age de forma responsável, atenta aos sinais dos tempos e atenta às urgências que interpelam o existir e o persistir no percurso da história. Robert Vosloo (2020, p. 52-54), ao falar da “temporalidade e da contemporaneidade” do pensamento de Bonhoeffer, vai dizer que há nele um “engajamento oportuno” ou “kairológico” que mostra em sua teologia uma paixão pelo presente, fazendo com que ela seja vista como uma “teologia do hoje”. Por esta razão, percebe-se que a dimensão escatológica da esperança deveria ser um aspecto importante da produção teológica de Bonhoeffer, pois em sua trajetória de vida e naquilo que se pode extrair dos seus escritos muitos são os elementos que corroboram para este dado. Acredita-se que *Ética* seria a obra em que ele aprofundaria essa temática, mas infelizmente ela foi interrompida pelo martírio.

O presente artigo propõe, então, uma leitura de *Ética* em busca da esperança bonhoefferiana, principalmente nos conceitos de “último”, “penúltimo” e “preparação de caminho”, que fundamentam todo seu agir responsável em meio ao seu contexto histórico. Para isso, contudo, serão apresentados aspectos fundamentais da sua eclesiologia e cristologia, temas já consagrados nos textos do mártir luterano e bastante estudados, mas que servem de base para este encontro com a esperança.

A cristologia de Dietrich Bonhoeffer

A cristologia é o fio condutor, ponto de partida e chegada de toda teologia bonhoefferiana. A partir dela, todos os temas são abordados e pensados, isto é, à luz da vida e obra do Cristo. Mas não se trata somente de uma matéria a ser aprendida e discutida, esta condição precisa ser experimentada, vivida: “ensinar sobre Cristo começa no silêncio” (BONHOEFFER, 1978, p. 27)¹. Segundo Carlos Caldas,

Para Bonhoeffer, a cristologia é reflexão e adoração do Cristo concreto, real, o Cristo presente, e não uma mera teorização, seja esta em modelo liberal ou ortodoxo. [...] Sua reflexão teológica é quase apofática, no sentido de reconhecer que há um limite para o conhecimento humano das realidades divinas, e que cabe ao homem não explicar o que não pode ser explicado, mas contemplar o inefável (CALDAS, 2016 p. 145).

Para Bonhoeffer, o *logos* que se encarna não é uma ideia, mas uma ‘Pessoa’, que, como divino, está acima da compreensão humana – do *logos* humano. Sendo assim, quem busca a Cristo e procura fazer esta experiência, precisa

¹ Tivemos acesso a esta obra (*Christ the center*) na sua tradução inglesa, edição de 1978, com uma nova tradução feita por Edwin H. Robertson. Trata-se de uma obra reconstruída por Eberhard Bethge, em 1960, a partir de notas que estudantes fizeram da conferência de Bonhoeffer sobre cristologia, na Universidade de Berlim, no verão de 1933 (GODSEY, 1967, p. 152). A primeira edição em inglês é de 1966, com tradução de John Bowden e introdução de Edwin H. Robertson. As citações desta obra aparecerão em nosso artigo traduzidas para o português, de forma livre.

fazê-lo em fé de que ele se revelou e é o que afirma ser. Bonhoeffer (1978, p. 39) diz que, “somente pela Palavra se revelando livremente se torna acessível a Pessoa do Cristo”. Cristo é o Deus Criador que se faz eternamente presente à medida que transcende a história e acompanha sua igreja ao longo dos anos. Por isso, a cristologia deve sempre considerar o ser humano de Nazaré em conjunto com o Deus eterno, no mistério já apresentado no Concílio de Calcedônia, em 451. É por meio de Cristo, portanto, que o divino se faz histórico e supera a separação espaço-tempo (BONHOEFFER, 1978, p. 45).

Para Bonhoeffer, não há conhecimento de Deus que seja de alguma forma absolutamente independente de Cristo, e isso se deve em grande parte à sua abrangente e rica cristologia, que reconhece a Cristo presente não apenas em sua vida terrena e encarnação, mas também de forma revelada na proclamação da Palavra, nos sacramentos e na vida da Igreja (BALLOR, 2006, p. 11).

Bonhoeffer defende que Cristo se faz eternamente presente à medida que participa e transcende a história, e opta por se revelar verdadeiramente à sua comunidade. O que quer dizer que ele rejeita o Cristo dos liberais acadêmicos do seu tempo, o humano acessível pela razão; também não aceita um Cristo metafísico do idealismo alemão. O Nazareno é, para o luterano, Deus e ser humano, a expressão do amor de Deus, que assume o mundo e o ser humano, inclusive suas lutas e conflitos. Para ele, o sentido se dá em se fazer apreender a revelação em meio a comunidade que faz esta experiência a partir da fé, na verdade que se revela e que faz transparecer algo novo na dimensão humana.

Ele não é alguém adotado por Deus, nem se ‘vestiu’ com características humanas. Ele É Deus que se tornou humano, como nós nos tornamos humanos. A ele não falta nada da humanidade. Não há dom do mundo ou do humano que ele não tenha recebido. Jesus Cristo teve sua própria experiência humana, *hypostasis* individual. O humano que sou Jesus também foi. Dele só é válido dizer que nada de humano lhe é estranho. Desse humano se diz: É Deus por nós (BONHOEFFER, 1978, p.102-103)².

De outra parte, como expressão do amor de Deus, Cristo deve ser conhecido em uma relação dialogal e comunitária, a qual Bonhoeffer chama de “*pro me*”, ou seja, Cristo é Cristo não para si, mas para mim, ou seja, para o seu próximo. Há, então, três formas pelas quais Jesus é Cristo *pro me*: Palavra, Sacramento e Comunidade. Pela primeira, percebe-se que Jesus é o *logos* divino que se revela e se faz conhecido; em segundo lugar, ele é a presença real de Deus na criação e, por último, é na comunidade que se experimenta a vida do Nazareno: como ele é *pro me*, também seu seguidor será para-o-outro (BONHOEFFER, 1978, p. 47-58).

Definida a questão da identidade, Bonhoeffer (1978, p. 60) se questiona sobre o lugar de Jesus e afirma que o Cristo “permanece no meu lugar, onde eu deveria permanecer, mas não consigo. Ele permanece no limite da minha existência, além dela, por mim”. Ele é, portanto, o centro da existência da história e da criação. “Centro” para Bonhoeffer também significa mediador entre limites, aquele que coaduna e reconcilia realidades separadas e distantes, como a criação e seu Criador, e possibilita uma nova realidade a partir de si: uma nova criação, um novo tempo, uma nova natureza. Quer dizer, conhecer a Deus significa conhecê-lo no centro da vida, onde Deus não é apenas o criador, mas é aquele que preserva e redime todas as coisas. Jesus é o ser humano real e concreto e ele habitou no centro da existência humana (BARCALA, 2010, p. 54).

Sendo assim, passado e futuro têm seu ponto de encontro na realidade de Jesus. A tensão entre promessa e cumprimento – escatologia e presente – como tempo de expectativa e realização é resolvida na realidade de Cristo. Se a história vive no seu próprio limite, o Nazareno a supera e se torna o centro de toda história (BONHOEFFER, 1978, p. 62).

Seguindo o raciocínio, um último aspecto desta relação humano e comunitária da cristologia de Bonhoeffer se faz necessário para entender sua esperança. Cristo, como Deus-homem, *pro me* e centro de toda a realidade, é o divino que opta pela *kenosis*, pelo esvaziamento do seu poder e domínio, e se entrega à humildade do ser humano

² A tradução inglesa traz “*man*”: homem. Em nossa tradução livre optamos por transformar o texto em uma linguagem inclusiva: “humano”.

e à fraqueza da cruz. Esse é o escândalo da encarnação, que, para Bonhoeffer, é fundamental na compreensão da fé cristã. Ao falar de Jesus como Deus, não se pode apenas falar que ele é uma representação da ideia de Deus, que possui as características da onisciência e onipotência. Seria parcial e não contemplaria o todo da experiência do mistério que se revela em plenitude na *kenosis*, de um Deus que se fez carne. Bonhoeffer (1978, p. 105) diz que, “ao invés disso, precisamos falar na sua fraqueza, sua manjedoura, sua cruz. Esse homem não é um Deus abstrato. [...] O encarnado é o Deus glorioso”.

Jesus é aquele que escolhe a fraqueza da cruz e não alguém fraco que era também divino. Não devemos separar o humano e o divino, mas sim perceber que ele – Jesus – como Deus-humano deliberadamente optou pela fragilidade (PLANT, 2004, p.96), permitindo ser levado à humilhação e se doando até as últimas consequências (Fl 2,6-9). Essa é a revelação máxima do Divino e do humano e o modelo para todo aquele que diz e pretende segui-lo, que como está no hino de Filipenses, deve ter o mesmo sentimento de Cristo Jesus (Fl 2,5).

É impossível exagerar a importância dessa perspectiva para Bonhoeffer, ela é importante e é central em seu pensamento, com incidência para o que se pretende explorar sobre esperança e em uma dimensão escatológica do seu pensamento. Se o Jesus da cruz é a revelação de Deus, então se torna claro que o deus ariano dos “Cristãos Alemães” (parte da igreja evangélica que se aliou ao estado nazista) é uma aberração. Durante toda sua vida, Bonhoeffer criticou a postura nazista de ver um messias no Führer³, bem como na apropriação da igreja pelo estado de Hitler. O cristão é, acima de tudo, o discípulo de Jesus Cristo e não alguém que aceita um “messias” político. Também não há espaço aqui para o docetismo – que nega a real corporeidade, humanidade e morte de Jesus –, do Cristo ideal de Hegel e daquele presente no liberalismo de Schleiermacher e Harnack (PANGRITZ, 1999, p. 143).

Uma cristologia fragmentada e não condizente com a identidade de Cristo é tão prejudicial quanto as heresias históricas – sobre as quais Bonhoeffer discorre em *Christ the Center* (1978) – e só será superada quando se afirmar completamente a doutrina das duas naturezas de Cristo. Assumir uma em detrimento da outra é abandonar a religião de Jesus. A humanidade do Nazareno, que Bonhoeffer acredita ser relegada a um segundo plano nesta cristologia fragmentada, é o que traz a dimensão de martírio da fé cristã, da responsabilidade e da entrega sacrificial. A cruz é o ápice da entrega e da humanidade, o símbolo maior da ética de Jesus.

Para Bonhoeffer, Jesus é o Deus que acolhe a fraqueza, e isso é fundamental para o seu discípulo. A fraqueza elimina as falsas imagens de Deus, pois lança luz para a verdadeira imagem divina, a de Jesus Cristo. Isso elimina da religião do Crucificado as visões ideológicas fortes, totalizantes e dominadoras e desafia seu seguidor a também acolher a fraqueza do Deus sofredor (FORTE, 2003, p. 155-156).

Em um poema chamado “Cristãos e pagãos”, já preso e perto do fim de sua vida, Bonhoeffer afirma que tantos cristãos quanto pagãos se aproximam de Deus em busca de auxílio, felicidade, pão, cura e salvação. Porém, à luz da cruz, somente “os cristãos ficam com Deus na Sua paixão” (BONHOEFFER, 2015, p. 470). Nesse sentido, para o mártir luterano, o seguimento de Jesus é definido a partir da fragilidade da paixão. O discipulado não se dá pela troca ou pelas bençãos divinas que se poderia receber, mas pelo acolhimento da vida do Crucificado em toda sua dimensão prática, martírio e fraqueza. Bonhoeffer inverte a lógica e atribui importância ao que os seres humanos fazem por Deus na Sua fraqueza e cruz. O fundamental não é a salvação individual, mas a solidariedade real (SINNER, 2016, p. 84).

O contrário dessa proposta de seguimento é o que Bonhoeffer chama de “graça barata”, tema fundamental de sua obra mais conhecida – *Discipulado*. Para ele, a graça barata era “a inimiga mortal da igreja” (BONHOEFFER, 2016, p. 19).

A graça barata é graça como o resto de estoque perdão barateado, consumo barateado, sacramento barateado; é graça como riqueza inesgotável da igreja, graça que mãos levinas gastam sem vacilo nem limite; é graça sem

³ “Se o líder [Führer] tenta se tornar o ídolo que liderados procuram – algo que os liderados sempre esperam de seu líder – então a imagem do líder se transforma em sedutor [Verführer], então o líder está agindo inadequadamente em relação aos seus liderados e também em relação a si mesmo. O verdadeiro líder deve estar sempre preparado para desapontar. Esta é especialmente parte da responsabilidade e objetividade do líder” (BONHOEFFER, apud CALDAS, 2016, p. 98).

preço, sem custo. [...] A graça barata é graça como doutrina, como princípio, como sistema; é perdão dos pecados como algo já dado por certo; é o amor de Deus como conceito cristão de Deus. Assim, a graça barata é a negação da Palavra viva de Deus, negação da encarnação da Palavra de Deus. Uma graça barata, em vez de justificar o pecador, justifica o pecado (BONHOEFFER, 2016, p. 19).

De outra parte, a graça preciosa é aquela que conduz ao seguimento completo de Jesus Cristo, que custa a vida ao ser humano – porque custou a vida de seu mestre –, mas que a ele dá vida, que condena o pecado e perdoa o pecador (BONHOEFFER, 2016, p.21). Por esta razão que, para Bonhoeffer, a institucionalização da fé cristã, a dominação do cristianismo por meio do Estado ou o aburguesamento da mensagem evangélica são consequências da graça barata. Nessa perspectiva, não existe cristianismo sem a cruz, sem a dimensão sacramental do martírio. Segundo Barcala (2010, p. 71), a partir do momento em que se tornar cristão deixar de ser viver como Jesus e passar a ser apenas a participação de uma religião dogmática e institucionalizada troca-se a graça preciosa pela graça barata.

Por isso, não se pode acolher apenas um aspecto da mensagem de Jesus e desprezar outros. A redução da proclamação do evangelho aos apelos existenciais e à liberdade da morte e da culpa é infantil, sem sentido, deselegante e não cristão (BONHOEFFER, 2015, p. 436). Ou se atribui a Cristo o seu lugar devido de centro da realidade ou se deve negar o seu seguimento.

Cristo na prática tem sido eliminado de nossas vidas. Cristo, ao invés de ser o centro de nossas vidas, tem se tornado uma coisa da igreja, ou da religiosidade de um grupo de pessoas. Para a mente dos séculos XIX e XX, a religião ocupa o espaço da assim chamada ‘classe de domingo’. [...] Nós não entendemos isso – o cristianismo – se nós fazemos para ele uma sala simplesmente em uma província de nossa vida espiritual. A religião de Cristo não é as migalhas que seguem o pão, mas o pão mesmo, ou não é nada (BETHGE, 2000, p. 116).

Portanto, o discipulado é a imitação da vida do Cristo e só ele é a experiência da fé cristã: “não há qualquer outro caminho para a fé senão o da obediência ao chamado de Jesus” (BONHOEFFER, 2016, p. 33). Não existe outra forma de *ethos* cristão, de participação na vida do Nazareno. Essa participação é entendida pelo mártir luterano como uma transcendência presente no mundo imanente em que se vive. Sendo assim, não se vive o seguimento de Jesus para uma realidade outra e superior, mas no “ser-para-o-outro”, em responsabilidade por aquele que se encontra ao lado.

Nossa relação com Deus não é uma relação “religiosa” com o ser mais elevado, mais poderoso, melhor que se possa imaginar – isto não é transcendência genuína – mas nossa relação com Deus é uma nova vida na “existência para os outros”, na participação no ser de Jesus. O transcendente não são as tarefas infinitas, inatingíveis, mas é o respectivo próximo que está ao alcance (BONHOEFFER, 2015, p. 511).

Entendida essa característica fundamental da cristologia de Bonhoeffer, do Deus que se encarna em responsabilidade por sua criação e que se apresenta como centro de toda realidade – espacial, temporal e existencial –, passa-se a uma análise de sua eclesiologia, a fim de uma melhor compreensão do segundo tema mais caro de sua produção teológica, que será base para o entendimento de sua esperança.

A eclesiologia de Dietrich Bonhoeffer

Se a cristologia é um assunto fundamental, sobre o qual, contudo, não há obra específica de Bonhoeffer⁴, a eclesiologia recebeu atenção especial, desenvolvida principalmente em sua tese de doutorado – *Comunhão dos Santos* – e em *Vida em Comunhão*, obra de 1939 que aborda aspectos práticos da vida cristã comunitária e como funcionava o seminário que organizou em Finkewalde.

⁴ *Christ the center* é uma coletânea de palestras do teólogo luterano, retrabalhadas por Eberhard Bethge e publicada postumamente em 1960, no idioma alemão, com tradução inglesa em 1966, conforme já indicamos na nota 1. Neste artigo, utilizamos uma edição inglesa de 1978.

Para Bonhoeffer, a Igreja⁵ é “a presença de Cristo no mundo” (BONHOEFFER, 2017, p. 11). A eclesiologia e a cristologia estão intrinsecamente relacionadas no pensamento bonhoefferiano. A Igreja é o lugar próprio da revelação de Deus, onde se conhece e se vive a fé cristã. Ela é o lugar em que se pode falar no ser humano que transcende as perspectivas limitadas da antropologia filosófica.

É com essa temática que o pastor luterano inicia sua tese de doutorado. Para ele, só se pode falar de conceitos basilares como “pessoa” ou “revelação” em relação com a socialidade (BONHOEFFER, 2017, p. 9). Isso significa que o seguidor de Cristo precisa ser entendido à luz da sua relação com a Igreja. Nessa perspectiva, Bonhoeffer nega os conceitos de “pessoa” da antropologia filosófica, mais especificamente, das perspectivas metafísico-aristotélica, cristão-estoica, epicurista-iluminista e idealista alemã. Em todos esses, o luterano percebe problemas e incongruências com o modelo bíblico-cristão. Para o primeiro, o individualismo perde importância frente à participação na razão genérica, coletiva; em seguida, no esquema cristão-estoico, o ser humano se torna ser humano a partir da subordinação à razão universal e ao dever mais alto; em terceiro lugar, no epicurismo – retomado no iluminismo –, a base da antropologia é utilitarista, ou seja, o valor do indivíduo está no quanto aumenta a felicidade individual de cada ser humano em relações quase contratuais; por fim, no idealismo, a pessoa deve participar na lei formal, no cumprimento do dever que satisfaz a lei da razão (BONHOEFFER, 2017, p. 25-30).

Nenhum desses conceitos de ser humano serve para Bonhoeffer. Ele entende o indivíduo não como um participante de uma razão universal, em uma relação utilitarista ou em conformidade com o espírito absoluto, mas “a pessoa humana só surge na relação com a pessoa divina que a transcende” (BONHOEFFER, 2017, p. 35), a criatura direcionada a Deus. Dessa forma, é o reconhecimento de um “tu” divino que permite a percepção do “eu” e de um outro “tu” diante de Deus: “somente com o tu se origina o eu” (BONHOEFFER, 2017, p. 41). Conclui, assim, que “o conceito formal de pessoa só poderá ser pensado na comunhão” (BONHOEFFER, 2017, p. 44).

É nessa relação com o outro que surge a dimensão ética da realidade do “eu”, a que Bonhoeffer chama de “responsabilidade” ou “decisão”, isto é, a partir do vínculo dos indivíduos em um tempo específico que lhes cabe é que se torna possível o *ethos* humano. Portanto, a pessoa humana é aquela que surge na concretude de uma realidade histórica, em responsabilidade com seu semelhante (SELL, 2019, p. 110).

A pessoa puramente como tal, isto, é, como criatura de Deus é desejada por Deus em sua vitalidade, inteireza e unicidade concretas como unidade última. Consequentemente as relações sociais, sendo puramente interpessoais, precisam ser concebidas com base na unicidade na distinção das pessoas. Não existe superação da pessoa mediante o espírito impessoal, não existe “unidade” que suprima a pluralidade das pessoas. A categoria social fundamental é a relação eu-tu (BONHOEFFER, 2017, p. 41).

Não há uma conformidade necessária a um ideal, muito menos relações utilitaristas, mas a relação “eu-tu” plenamente realizada a partir da relação “eu” com o “tu” divino. As particularidades individuais são mantidas e todos participam conjuntamente da comunidade. Dessa forma, socialidade e individualidade se mantém dialeticamente na vida comunitária pela responsabilidade ética de uns para com os outros.

A quebra dessas relações entre o ser humano com seu Deus e com seu próximo acontece com a queda, o pecado, o poder separador que se coloca entre todas as individualidades e rompe as relações éticas de responsabilidade e serviço. O ser humano quer ser como Deus – “sicut Deus” (BONHOEFFER, 2020a, p.115) –, isto é, criador e não criatura, dominador e não servo, e quebra a possibilidade de uma relação eu-tu.

Agora o ser humano se encontra no centro, agora ele não tem mais limite. Que o ser humano se encontra no centro significa que agora ele vive a partir de si mesmo, não mais a partir do centro; que ele esteja sem limites significa que ele se encontra sozinho. Estar no meio e sozinho, isso é o que quer dizer ser *sicut deus*. O ser humano

⁵ O termo “Igreja” será aqui utilizado como a “comunhão dos santos” independentemente das divisões históricas e denominacionais da cristandade, ou seja, o corpo de Cristo, o grupo de seguidores do Nazareno.

é *sicut deus*. Agora ele vive de si mesmo, cria sua própria vida, é seu próprio criador e não mais precisa do Criador (BONHOEFFER, 2020a, p.115).

A plena comunhão, portanto, é perdida e só será alcançada no *eschaton*, quando se dará a vitória sobre essa condição de não-plenitude das relações eu-tu. Antes disso, porém, resta que a espiritualidade deve ser vivida na socialidade, mesmo que imperfeitamente, porque não é bom que o ser humano esteja só.

Nesse sentido, até o *eschaton*, a história deve ser construída não com indivíduos que se dominam uns sobre os outros, como deuses e suas criaturas, mas com pessoas em comunhão, seres humanos que vivem uns com os outros em responsabilidade, já que, para Bonhoeffer (2017, p. 57) “esta é a essência do espírito: ser si mesmo mediante o ser no outro”.

A Igreja é o espaço onde o “eu” de Deus é revelado e conhecido. É o lugar em que a condição alienante do pecado dos indivíduos – que Bonhoeffer afirma formarem a *peccatorum communio* – pode ser subvertida, isto é, quando pessoas vivem individual e coletivamente a revelação divina, assumindo o *ethos* do Nazareno – seu seguimento – realizam o milagre da *sanctorum communio*: “Cristo existente como comunidade” (BONHOEFFER, 2017, p. 99). Por isso, a participação na Igreja é condição necessária para a vida cristã; sem aquela não há superação do pecado, nem revelação divina.

Bonhoeffer foi, em toda sua vida, um defensor da vida comunitária. Para ele (2017, p. 130), “Só existe comunhão com Deus através de Cristo, mas esse só está presente em sua comunidade e, por conseguinte, só existe comunhão com Deus na Igreja”. Portanto, ela não é o Reino de Deus, nem uma mera comunhão religiosa ou um grupo social com reuniões regulares, mas a continuidade da encarnação do Cristo, a revelação divina sempre presente e nova na história, o cumprimento da vontade de Deus para o ser humano. Nela está a possibilidade de comunhão com Deus e, por isso, também está a possibilidade de comunhão com o ser humano, realizada na formação da Igreja pelo próprio Deus em Cristo. Sem a experiência comunitária, não há experiência da relação “eu-tu” com o divino, nem a existência plena do “eu”, incompleta na falta de outro “eu”.

Para Bonhoeffer, Cristo é aquele que insere o ser humano na comunhão com Deus e, dessa forma, inaugura uma nova humanidade. A antiga humanidade é aquela dos muitos “Adãos” que saem dessa relação com o divino; de outra parte, a nova, inaugura no Nazareno, é recolocada diante do divino e do seu próximo.

Enquanto a velha humanidade se dispersa em incontáveis unidades isoladas, “Adãos”, que como unidade global só podem ser apreendidas por meio de cada indivíduo, a nova humanidade é toda concentrada em um único lugar histórico, em Jesus Cristo, e somente nele ela é compreendida como totalidade; pois, nele, como fundamento e corpo da construção de sua comunidade, efetua-se realiza-se completamente a obra de Deus (BONHOEFFER, 2017, p. 121).

Enquanto o agir de Adão é egocêntrico e não representativo, o agir do Cristo é vicário e redentor. Toda a humanidade é como o primeiro ser humano criado: culpada, cai de novo em cada ser humano. No último Adão, por outro lado, o indivíduo é colocado de uma vez por todas na comunhão com Deus. Essa representação vicária é fundamental para Bonhoeffer e distingue completamente a Igreja de outras comunidades, em que, por exemplo, a solidariedade seja o fundamento. Trata-se de tornar nova a humanidade, remodelá-la em Cristo, superando a condição adâmica: “ele trouxe, estabeleceu e proclamou a realidade da nova humanidade” (BONHOEFFER, 2017, p. 126).

Por isso, a eclesiologia é dependente da cristologia e tem nela sua base teológica. Somente em Jesus a humanidade conhece Deus e é agraciada pelo Divino; por isso, somente em Cristo a realidade da Igreja é possível como a comunhão dos santos, indivíduos e Deus. Finalmente, somente no Nazareno, o Deus que vem ao mundo, a Igreja pode se abrir para a realidade externa a si mesma, ao mundo que a cerca.

Nesse sentido, estabelecida no tempo, como foi a encarnação do Cristo, a Igreja deve atentar para as necessidades da realidade concreta onde está inserida para pregar a libertação e salvação de Jesus, mas também para mitigar os problemas e amenizar as dores como seu Mestre fez. Por isso, é parte da sua missão a obra vicária de

envolvimento com o mundo e suas questões, de tal forma que o isolamento é tão prejudicial quanto a realidade do pecado em si, pois impossibilita a relação eu-tu com o mundo: “a centralidade de Cristo é o motivo para a abertura dos horizontes da igreja em direção ao mundo na sua realidade concreta” (PANGRITZ, 1999, p. 134).

É dentro dessa perspectiva que Bonhoeffer, diante da questão judaica do período entre guerras na Alemanha, afirma que “somente quem clama em favor dos judeus pode cantar canto gregoriano” (*apud* APPEL; CAPOZZA, 2006, p. 591). No seguimento do Nazareno, a abertura ao mundo é condição indispensável. “A Igreja, por um lado, consiste na fé e na obediência a Jesus, porque somente a fé e a obediência possibilitam o seguimento. De outro lado, realiza-se somente no concreto ser-um-com-outro, sem o qual o seguimento sempre corre o risco do ato de autossatisfação e individualismo” (APPEL; CAPOZZA, 2006, p. 587.)

Nesse sentido, tanto a partir da individualidade – seguimento – quanto na coletividade – vida eclesial –, a responsabilidade mais uma vez aparece como tema fundamental para o mártir luterano. Se o discípulo de Cristo deve imitar seu mestre no abandono da autossatisfação e do individualismo, então também a sua comunidade deve ser a continuação da sua existência para-o-outro promovendo libertação, paz e vida a todos os que se reconhecem como necessitados de Deus. Dessa forma, ganha destaque a ação responsável diante do mundo que sofre nas suas carências e descaminhos em uma entrega total da vida por parte do seguidor de Jesus.

Mais tarde percebi e continuo percebendo até hoje que só na total ceterioridade da vida se aprende a crer. Quando se desiste de fazer algo de si mesmo e isto chamo de ceterioridade, então no atiramos totalmente nos braços de Deus, então não mais levamos a sério os nossos próprios sofrimentos, mas o sofrimento de Deus no mundo, então vigiamos com Cristo no Getsêmani, e penso que isso é fé, isso é metanoia, e assim a gente se torna um ser humano, um cristão (BONHOEFFER, 2015, p. 496).

Finalmente, apresentadas a cristologia e a eclesiologia bonhoefferianas, aborda-se a *Ética*, em que seus pensamentos sobre a esperança e a escatologia aparecem na tensão entre “último”, “penúltimo”. A partir desta tensão, o mártir defende, enfim, a “preparação de caminho”, como o *ethos* cristão, isto é, preparar o caminho para a vinda do seu mestre ao possibilitar que sua mensagem seja ouvida – e pregá-la – até que ele venha de forma derradeira. Infelizmente, a obra não foi concluída pelo mártir, mas compilada por Eberhard Bethge, seu amigo próximo e biógrafo.

Esperança em Dietrich Bonhoeffer

Antes de abordar especificamente a esperança, é necessário apresentar um tópico de Ética fundamental. Nessa obra, Bonhoeffer afirma que a ética cristã, diferente daquela não cristã, não trata da distinção entre bem e mal fruto da separação entre o ser humano e Deus, mas de uma superação dessa dicotomia. Isso só é possível a partir da perspectiva cristológica, em que as realidades de Deus e do mundo são reconciliadas por meio de Cristo e restaura-se a condição original de conhecer tudo – a si mesmo, seu semelhante e a criação – a partir de Deus (BONHOEFFER, 2020b, p. 15).

Por isso, afirma-se que o *ethos* cristão é o disciplinado, isto é, a assunção da vida do Nazareno, olhar tudo sob a ótica de Jesus, submeter-se e viver plenamente a vontade de Deus e superar a contradição ética da disputa entre o bem e o mal. Apenas nesse agir dinâmico e responsável – no fazer concreto – é possível se retornar à condição original de Adão que não conhecia o bem e o mal, apenas Deus.

Não há duas realidades, mas uma só realidade, e essa é a realidade de Deus, revelada em Cristo, na realidade do mundo. Como partícipes de Cristo, estamos simultaneamente na realidade de Deus e na do mundo. A realidade de Cristo engloba a realidade do mundo. Este não tem uma realidade independente da revelação de Deus em Cristo. Querer ser “cristão” sem ver e conhecer o mundo em Cristo equivale a uma negação da revelação de Deus em Jesus Cristo. Não existem, portanto, duas esferas, mas só a esfera única da realização de Cristo, em que a realidade de Deus e a do mundo se fundem (BONHOEFFER, 2020b, p. 126).

A esse processo de viver como o Nazareno – chamado de “seguimento” ou “discipulado” na obra homônima –, em Ética, Bonhoeffer chama “tomar a forma de Cristo”. Nesse âmbito, tomar a forma de Cristo é se conformar a três aspectos fundamentais da vida de Jesus, isto é, a encarnação, a crucificação e a ressurreição.

Em primeiro lugar, a encarnação significa ser, de fato, humano a partir do abandono da vontade de se tornar algum além do indivíduo. Nesse sentido, para Bonhoeffer, é necessário eliminar a mania de super-homem, o heroísmo, as feições de semideus, bem como a idealização da humanidade. O ser humano é – e deve se assumir – como alvo do amor de Deus, criatura do seu Criador.

Em seguida, a dimensão da cruz relembra a realidade da condenação pelo pecado. Para Bonhoeffer, o ser humano carrega consigo a sentença de morte decreta por Deus, traz as marcas de uma morte diária diante da eternidade do Divino, mostra as cicatrizes e feridas que sua rebelião lhe causou. Por isso, não tem o direito de se exaltar sobre ninguém, nem de se reconhecer maior que o que é. A sua glória é se colocar humildemente diante de Deus.

Por fim, a conformação ao ressuscitado significa ser um novo perante Deus: “vive em meio à morte, é justo em meio ao pecado, é novo em meio ao antigo” (BONHOEFFER, 2020b, p. 56). Essa é a dimensão do seguimento-discipulado. A encarnação e a crucificação colocam o indivíduo diante de seu Criador como exatamente aquilo que é. Porém, a partir da ressurreição do Cristo, o ser humano se torna um outro, um discípulo: “a participação em Cristo significa a participação em uma nova humanidade” (ZEFERINO; SINNER, 2020, p. 51). Ele vive a partir da esperança do evento pascal, paradigma da sua nova existência. Carrega o sinal da cruz e do juízo como quem recebe o Espírito e não como alguém que está condenado. Esta é a força que sustenta o seguimento, mesmo em sua dificuldade, trazendo a experiência do ressuscitado para o tempo presente, numa tensão escatológica alimentada pela esperança.

Viver a experiência do ressuscitado é se deixar interpelar pelo horizonte da esperança e agir no mundo à luz do futuro revelado e trazido por Cristo. É assumir a responsabilidade por um mundo real e concreto, necessitado de vida e esperança. Assim como Jesus, vive-se pela esperança, com os olhos fitos no futuro e os pés bem-postos no presente. Algo próximo à missão, à missão da esperança, conforme já apontado no início.

Falar de esperança em termos cristãos é falar do futuro de Deus que estamos destinados e que nos foi revelado em magnitude pelo evento de Cristo; viver esta esperança é apoiar-se na fé do Cristo ressuscitado e crucificado, seguros e ativos no caminho apresentado por ele em prol do Reino de Deus, que se traduz, majestosamente, em vida e plenitude. Por essa razão, entendemos que, este futuro de Deus e tudo aquilo que o envolve é objeto da esperança cristã, motivando-a, a partir do que é experimentado na fé, a uma ação concreta no mundo atual, num autêntico amor criativo, ou seja, a uma missão (KUZMA, 2012, p. 14).

Na conformação com Cristo, a dimensão da esperança em Bonhoeffer já aparece como fundamento da vida cristã, que acende a chama do seguimento de Jesus. Esse discipulado deve ser vivido diariamente à luz da ressurreição como a graça preciosa que exige tudo do pecador. Somente esse futuro aguardado mantém viva a disposição de trilhar o caminho do Nazareno.

Quem consegue viver do futuro como se ele fosse o presente? Somente quem sabe que aquele Deus que virá, na verdade, já veio. Que o mesmo Deus que se encarnou na história é o primeiro e será o último. Deus veio e por isso podemos esperar que ele virá sempre de novo e que um dia ele virá pela última vez. Porque Deus veio, nós esperamos (BONHOEFFER, 2007, p. 11-12).

A escatologia é a dimensão fundamental da vida cristã como o impulso para o seguimento do Nazareno, o desafio à sua práxis e à experiência do seu Reino. Escatologia e esperança se tornam idênticas e abrangem ao mesmo tempo o que se espera como a ação de esperar. Sendo assim, “o cristianismo é total e visceralmente escatologia” (MOLTMANN, 2005, p. 30). É esse *novum* de Cristo que interpela o discípulo a caminhar rumo ao futuro aguardado transformando o presente à luz dessa vitória certa. Como disse o mártir luterano, “A igreja de Cristo dá testemunho do fim de todas as coisas. Ela fundamenta sua vida no fim, reflete a partir do fim, age a partir do fim, e é a partir

do fim que ela proclama sua mensagem” (BONHOEFFER, 2020a, p. 30). Este fim que, na verdade, como diz Moltmann (2007, p. 9), é o início de tudo.

Falar de esperança é falar da força positiva que nos faz caminhar rumo a um horizonte, onde apenas a alegria de estar caminhando já é, de certa forma, uma experiência transformadora. É uma força que transcende toda e qualquer experiência humana; é uma expectativa que aspira algo supremo, intocável, infinito. Porém, ao mesmo tempo em que se volta ao absoluto, ela se alimenta do cotidiano da história e interage em meio a ela, transformando-a. Quando a esperança é compreendida como virtude teologal, ela nunca será uma fuga da realidade, mas força de transformação da mesma (KUZMA, 2014, p. 57).

Se é impossível separar a vida cristã – discipulado – da esperança, é de se esperar que Bonhoeffer, alguém que assumiu a missão e o martírio de Jesus, seja inundado pelo sentimento escatológico do Reino que desafia a uma práxis responsável. Por mais que a escatologia não tenha sido um tema explicitamente delineado por Bonhoeffer, ela nunca esteve longe do seu pensamento. Lindsay (2011, p. 291) argumenta que é a “escatologia circunscrita à cristologia” que marca seus últimos escritos na prisão de Tegel sobre o mundo tornado adulto. São dessa época as cartas que formaram *Resistência e Submissão* e *Ética*. Esse último, segundo o pastor luterano, seria chamado “Preparação e chegada”, com duas partes principais, “penúltimo” e “derradeiro” (BONHOEFFER, 2020b, p. 10). Sendo assim, apresentam-se a seguir esses dois conceitos que culminam na tensão escatológica da preparação do caminho, aqui definida como a esperança bonhoefferiana.

Como penúltimo se entendem as ações que acontecem no decorrer do tempo, fazem parte da rotina e da vida comum; é tudo aquilo que terá fim. Penúltimo é o caminho que se percorre para se chegar ao derradeiro, aquilo que o antecede e será finalizado pelo último. De outra parte, o penúltimo continua existindo como caminho, mesmo após o conhecimento da graça salvífica derradeira. A vida muda, torna-se outra, conforma-se ao Cristo e, por isso, é última, ou seja, é totalmente suspensa e revogada pela realidade derradeira do Nazareno, contudo ainda há o caminho a ser seguido, ainda há o discipulado. O penúltimo é a convivência e a poimênica cristãs, o consolo diante do seu fim. O último, por sua vez, é a palavra justificadora de Deus, o ato final do seu amor, graça e justiça. É o tempo em que não haverá mais penúltimo, porque tudo será eterno (BONHOEFFER, 2020b, p. 79-82).

A relação entre último e penúltimo é o horizonte da vida cristã. É essa tensão que interpela o discípulo a viver sempre à luz do último, mas em responsabilidade com o penúltimo. É o derradeiro que o impulsiona para a responsabilidade com o intermediário e passageiro, para a práxis misericordiosa da fé cristã. Portanto, a supervalorização de uma realidade em detrimento da outra, nessa tensão escatológica, é o que o luterano chama de solução extrema que precisa ser evitada, e são de dois tipos. Na primeira, chamada de radical, só se vê o derradeiro e se rompe com o penúltimo – como se fossem opostos; a outra é a solução de compromisso, em que se negligencia a urgência e a realidade do derradeiro.

Para Bonhoeffer, é necessário assumir a dicotomia temporal que leva o discípulo à realidade futura – última – ao mesmo tempo que o mantém no presente – penúltimo. A solução, portanto, está na vida escatológica do Nazareno, centro de toda realidade. Nele o fim não é absoluto, tampouco o presente é descartado; criação e redenção, tempo e eternidade não entram em conflito, mas se reconciliam: “nem a ideia de um Cristianismo puro em si, nem a ideia do ser humano tal como é em si são sérias; sérias são tão somente a realidade de Deus e a realidade do ser humano, que se tornaram uma só em Jesus Cristo” (BONHOEFFER, 2020b, p. 84).

Dessa forma, é na unidade da escatologia que o conflito entre radicalismo e compromisso é desfeito: “Ser humano em Cristo, portanto, é participar da reconciliação entre Deus (último) e o mundo (penúltimo), o que significa participação no encontro de Cristo com este mundo” (ZEFERINO; SINNER, 2020, p. 50). Último e penúltimo são os pilares do *ethos* do Cristo e nele são reconciliados; representam a dimensão temporal da obra redentora de Jesus e desafiam seu seguidor a fazer o mesmo: “Vida cristã significa ser gente no poder da encarnação, significa estar julgado e perdoado no poder da cruz, significa viver uma nova vida no poder da ressurreição” (BONHOEFFER, 2020b, p. 86).

Finalmente, Bonhoeffer afirma que é do último que o penúltimo obtém sua dignidade e seu valor, porque o derradeiro condiciona o penúltimo. Não há penúltimo em si, mas algo se torna penúltimo, apenas se houver um derradeiro. Dessa forma, o penúltimo precisa ser preservado em função do último. No âmbito da vida humana, se o indivíduo é privado do básico necessário para sua vida, a justificação é seriamente dificultada, mesmo que não seja impossível. Aliam-se aqui a pregação da palavra de Deus à práxis responsável para que essa palavra seja recebida pelo ouvinte de forma plena, ou seja, é preciso preparar o caminho para a Palavra.

A preparação de caminho é a esperança como o compromisso com a vida do ser humano que é sempre capaz de Deus; é a responsabilidade de facilitar a recepção da mensagem do Crucificado, por meio da antecipação do seu Reino; é o caráter performativo da esperança (KUZMA, 2018, p. 302).

[preparação do caminho] é uma missão de enorme responsabilidade para todos quantos sabem da vinda de Cristo. O faminto precisa de pão, o desabrigado de moradia, o injustiçado de direito, o isolado de comunhão, o indisciplinado de ordem, o escravo de liberdade. Deixar o faminto com sua fome, alegando que na miséria o irmão estaria mais perto de Deus, seria blasfemar a Deus e ao próximo. Por causa do amor de Cristo, que tanto vale para o faminto como para mim, repartimos o pão com ele, compartilhamos o teto. Se o faminto não chegar à fé, a culpa recai sobre aqueles que lhe negaram o pão. Providenciar pão para o faminto é preparação para a vinda da graça (BONHOEFFER, 2020b, 89).

Entre o penúltimo – realidade concreta – e o derradeiro – futuro esperado –, o cristão deve preparar o caminho para a volta do seu mestre, isto é, preservar e dignificar o penúltimo para receber a palavra derradeira de Deus. Esse é o resultado da tensão escatológica entre as duas realidades temporais; isto é, seguir o Nazareno em responsabilidade com o mundo que seu mestre acolheu.

Saber que Cristo vem por vontade, poder e amor próprios, que ele pode e quer superar todos os obstáculos, mesmo os maiores, que ele é o seu próprio preparador de caminho – isso e somente isso nos faz seus preparadores de caminho. Como não haveríamos de querer e dever ser preparadores de caminho de tal Senhor, como não haveríamos de nos deixar transformar por ele, por aquele que vem, em seus preparadores de caminho, em pessoas que o esperam com seriedade? Por esperá-lo, por saber que ele vem, [...] preparamos seu caminho (BONHOEFFER, 2020b, p.91).

A missão do discípulo é se voltar para todos aqueles que são alvos da graça de Deus: os caídos, miseráveis, injustiçados, humilhados, explorados, a todos aqueles que são indisciplinados e desesperados. Isso é o que se espera de quem se coloca no caminho do Mestre, agindo de modo responsável à luz da ação graciosa e derradeira do Cristo. Deste modo, o seu *ethos* será dar de comer a quem tem fome, acolher que está desabrigado, fazer justiça ao injustiçado, ser próximo a quem está isolado, abertura ao indisciplinado e liberdade a quem está na escravidão. Esse é o caminho da esperança.

Considerações finais

O artigo que construímos nos fazem perceber que os textos de Bonhoeffer, mesmo que não tratem da esperança de modo específico, trazem esta dimensão de forma constitutiva em seu pensamento. Sua Eclesiologia e Cristologia não foram pensadas a partir da escatologia, mas seu livro de Ética traz a tensão escatológica do último e do penúltimo para a realidade da vida cristã, para que se viva no penúltimo sempre à luz do último, com foco em realidades concretas e em atenção ao futuro, aguardado em esperança. Por esta razão que o *ethos* cristão será sempre a preparação do caminho de volta do Senhor. Da mesma forma como ele acolheu o penúltimo, o discípulo é convidado a fazer o mesmo, a fim de dignificar aquilo que é passageiro, interpelado pelo derradeiro que virá.

O cristão é chamado a ser um reconciliador, assim como foi – é – o seu mestre. Se o Crucificado e Ressurreto é uma realidade única, que reconcilia e une Criador e criatura, também seus seguidores devem fazer o mesmo, vivendo o desafio da responsabilidade de reconciliar as realidades dos seres humanos e de Cristo. Eles tomam a forma de Cristo no mundo, de forma individual e comunitária – na Igreja. Eles vivem o discipulado à luz da encarnação, crucificação e ressurreição de Jesus: frente a gravidade do pecado e na percepção da grandeza do amor de Deus, que é a força que possibilita percorrer o caminho da esperança revelada na ressurreição.

Portanto, a esperança de Bonhoeffer tem lugar e objetos específicos. Ela é vivida e experimentada no concreto da história, porque é nesta realidade que Deus se faz presente e é onde Deus atua. Na esperança se prepara o caminho para a vinda do Senhor, fazendo com que sua voz seja audível, sua ação perceptível e sua volta esperada. O penúltimo será a preparação para a realidade última; ao primeiro, dignidade, e ao segundo a atenção que merece. Essa é a ética do discipulado: uma práxis responsável à luz da sua derradeira vitória..

Referências

- APPEL, K.; CAPOZZA, N. “Estar-aí-para-outros” como participação da realidade de Cristo: Sobre a eclesiologia de Dietrich Bonhoeffer. *Revista Eletrônica da PUCRS*, Porto Alegre, v.36, n.153, p. 583-597, 2006.
- BALLOR, J. J. Christ in creation: Bonhoeffer’s orders of preservation and natural theology. *The Journal of Religion*, v.86, n.1, p.1-22, 2006.
- BARCALA, M. *Cristianismo arreligioso*. Uma introdução à cristologia de Dietrich Bonhoeffer. São Paulo: Arte Editorial, 2010.
- BETHGE, E. Dietrich Bonhoeffer: *A Biography*. Minneapolis: Fortress Press, 2000.
- BONHOEFFER, D. *Christ the center*. Translated by Edwin H. Robertson. New York: Harper & Row, 1978.
- BONHOEFFER, D. *Comunhão dos santos*: uma investigação dogmática sobre a sociologia da igreja. São Leopoldo: Sinodal, 2017.
- BONHOEFFER, D. *Criação e queda*: uma interpretação teológica de Gênesis 1-3. São Leopoldo: Sinodal, 2020a.
- BONHOEFFER, D. *Discipulado*. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.
- BONHOEFFER, D. *Ética*. São Leopoldo: Sinodal, 2020b.
- BONHOEFFER, D. *Prédicas e alocuções*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- BONHOEFFER, D. *Resistência e submissão*: cartas e anotações escritas na prisão. São Leopoldo: Sinodal, 2015.
- CALDAS, C. *Dietrich Bonhoeffer e a teologia pública no Brasil*. São Paulo: Garimpo, 2016.
- FORTE, B. *À escuta do Outro*: filosofia e revelação. São Paulo: Paulinas, 2003.
- GODSEY, J. D. Christ the center. Dietrich Bonhoeffer, John Bowden. *The Journal of Religion*, Chicago, v. 47, n. 2, p. 152, Apr. 1967.

KUZMA, C. O futuro de Deus na missão da esperança cristã: Um estudo da escatologia na Teologia da Esperança de Jürgen Moltmann em aproximação com a Teologia Latino-Americana da Libertação no contexto atual. Rio de Janeiro, 2012. 260p. Tese. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

KUZMA, C. *O futuro de Deus na missão da esperança: uma aproximação escatológica*. São Paulo: Paulinas, 2014.

KUZMA, C. Por uma esperança responsável: Interpelações éticas e teológicas para uma Nova Práxis. *Pistis & Praxis*, Curitiba, v. 10, n. 2, pp. 290-307, maio/ago. 2018.

LINDSAY, M. R. Bonhoeffer's eschatology in a world "come of age". *Theology Today*, n. 63, p. 290-302, 2011.

MOLTMANN, J. *Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. São Paulo: Teológica, Loyola, 2005.

MOLTMANN, J. *No fim, o início: breve tratado sobre a esperança*. São Paulo: Loyola, 2007.

PANGRITZ, A. Who is Jesus Christ for us today. In: DEGRUCHY, J. (org.). *The Cambridge Companion to Dietrich Bonhoeffer*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 134-153.

PEREIRA, G. L. Dietrich Bonhoeffer: uma inspiração para a práxis política e social da igreja. *Atualidade Teológica*, v. 24, n. 66, p. 621-640, 2020.

PLANT, S. *Bonhoeffer*. Nova Iorque: Continuum, 2004.

SELL, W. Ser humano, ser para a outra pessoa: o significado da antropologia de Dietrich Bonhoeffer para a sua ética. São Leopoldo, 2019. 211p. Tese. Escola Superior de Teologia.

SINNER, R. von. The ethics of the penultimate in a situation of ambiguity: a possible and relevant interpretation of Bonhoeffer in Brazil today. *Stellenbosch Theological Journal*, v. 2, n. 2, p.77-91, 2016.

VOSLOO, R. Bonhoeffer, nosso contemporâneo? Diálogo com Bonhoeffer sobre o tempo, os tempos e a teologia pública. In: SINNER, R. von; ULRICH, C. B.; FORSTER, D. *Teologia pública no Brasil e na África do Sul: um diálogo teológico-político*. São Leopoldo, 2020, p. 47-64.

ZEFERINO, J.; SINNER, R. von. O humanismo cristão de Dietrich Bonhoeffer: contribuições para uma epistemologia teológica. *Teologia em Questão*, v. 37, p. 37-63, 2020.

RECEBIDO: 25/04/2023
APROVADO: 19/08/2023

RECEIVED: 04/23/2023
APPROVED: 08/19/2023